

# Adverbiais de base exofórica no português brasileiro – séculos XVII-XIX

(Adverbiaux de base déictique dans le portugais brésilien)

Sônia Bastos Borba Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

soniaborba.let@uol.com.br

**Resumé:** Cet travail presente une réflexion, sur l'origine et le trajet sémantique d'adverbiaux simples et de locutions adverbiales de contenu sémantique spatial et temporel à partir de données collectées dans des textes du XIV<sup>e</sup> au XIX<sup>e</sup> siècles, y compris les données du portugais brésilien (XVII – XIX siècles). Ces adverbiaux, qui ont eu d'abord une valeur déictique de première et de seconde personne pronominales, vont vers l'abstratization, tel que préconisé par la Théorie de la Grammaticalisation.

**Mots-clés:** diachronie du portugais; adverbiaux spatiaux et temporels; exophore et cataphore; portugais brésilien.

**Resumo:** Este trabalho traz uma reflexão sobre a origem e a trajetória de advérbios simples e locucionais de conteúdo espacial e temporal, a partir de dados recolhidos de textos dos séculos XIV a XIX, incluindo dados do português brasileiro (séculos XVII a XIX). Tais advérbios, originalmente exofóricos de primeira e de segunda pessoas, estão na direção de maior abstratização, como preconizado pela Teoria da Gramaticalização.

**Palavras-chave:** diacronia do português; advérbios espaciais e temporais; exófora e catáfora; português brasileiro.

## Introdução

Com vistas a contribuir para a compreensão do lugar ocupado por advérbios simples e locucionais na história das palavras gramaticais do português, apresento dados e reflexões acerca da trajetória semântica e referencial dos advérbios portugueses de sentido dêitico (exofórico) de primeira e segunda pessoas (P1 e P2), do latim ao século XVI, no português europeu, e nos séculos XVII, XVIII e XIX, no português brasileiro. A pesquisa em curso iniciou-se quando da realização de Tese de Doutorado (COSTA, 2003) sobre os advérbios e locuções adverbiais de conteúdo semântico espacial e temporal recolhidos de *corpus* constituído por 1 texto do século XIV (*A lenda do Rei Rodrigo*), 1 do século XV (*Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes) e 9 do século XVI, de tipos discursivos diferenciados (cartas, relatos históricos, textos de gramáticas e de material de intenção pedagógica).<sup>1</sup> Além dos dados constantes dos citados textos, foi consultada a obra de

<sup>1</sup> Os textos analisados foram: Carta de Pero Vaz Caminha, texto integral – CPVC, de 1500; Cartas de D. João III, de números 1 a 22 (1521-1531) - CDJIII; Cartas da corte de D. João III, de números. 3, 8, 9, 22, 43, 47, 50 a 79, 84, 85, 86, 106, 163, 165, 167, 169, 171 e 173 (1530-1562) – CCDJ; Gramática da linguagem portuguesa, texto integral - GFO, de Fernão de Oliveira, de 1536; Gramática da língua portuguesa, texto integral – GJB, de João de Barros, de 1540; Diálogo em louvor de nossa linguagem, texto integral - DLNL, de João de Barros, de 1540; - Diálogo da viciosa vergonha, texto integral - DVV, de João de Barros, de 1540; Primeira Década da Ásia, quota de 1343 linhas - DA-I, de João de Barros, de meados do século XVI; Segunda Década da Ásia, quota de 1554 linhas - DA-II, de João de Barros, de meados do século XVI.

Mattos e Silva (1989), para dados do português arcaico. Os itens adverbiais recolhidos totalizaram 161 formas, submetidas a análise que considerou os traços semânticos: a) referência a espaço estrito; b) referência a espaço estendido; c) estatuto fórico; d) expressão de estaticidade ou dinamicidade. Desde aquele momento tenho rastreado e analisado formas de advérbios e de locuções adverbiais, considerada sobretudo a sua trajetória semântica, em textos do século XVII (Cartas do Maranhão, de Antonio Vieira), do século XVIII (cartas de juízes baianos) e do século XIX (cartas familiares e cartas de leitores de jornais baianos e mineiros). Neste trabalho, concentro-me nos adverbiais de uso básico exofórico de primeira e segunda pessoas (*cá, aqui, i, aí* e suas respectivas locuções). O trabalho se baseia na Teoria da Gramaticalização de base teórica funcionalista e evoca o *cline* semântico proposto por Heine et al. (1991), que preconiza um deslocamento de sentido e de função dos elementos linguísticos na direção que parte do mais concreto para o mais abstrato. No que diz respeito aos dados analisados para este trabalho, pode-se ter a trajetória semântica, a partir do latim, caracterizada, em termos gerais, como: **espaço estrito > espaço estendido > tempo > outras noções** e, no que tange à referência como: **elemento exofórico > elemento anafórico > juntivo**.

## O subsistema demonstrativo exofórico e anafórico

No latim clássico, o subsistema dos advérbios espaciais exofóricos era paradigmaticamente cognato dos pronomes demonstrativos *hic, iste, ille* e suas flexões, correspondentes às três pessoas do discurso, do que decorre um paradigma tricotômico. Havia ainda duas séries de uso anafórico (*is* e *idem*, com suas flexões).

Reproduzimos, em parte, para melhor visualização, os dados oferecidos por Faria (1958, p. 249):

**Tabela 1: adverbiais exofóricos (latim clássico)**

DEMONSTRATIVOS	EXOFÓRICOS ESPACIAIS			
	onde	de onde	para onde	por onde
<i>hīc, hāc, hōc</i>	<i>hīc</i>	<i>hīnc</i>	<i>hūc</i>	<i>hāc</i>
<i>īstē, īstā, īstūd</i>	<i>īstīc</i>	<i>īstīnc</i>	<i>īstūc</i>	<i>īstāc</i>
<i>īllē, illā, illūd</i>	<i>īllīc</i>	<i>īllīnc</i>	<i>īllūc</i>	<i>īllāc</i>

**Tabela 2: elementos anafóricos (latim clássico)**

DEMONSTRATIVOS	ANAFÓRICOS ESPACIAIS			
	onde	de onde	para onde	por onde
<i>īs, ēa, īd</i>	<i>ībī</i>	<i>īndē</i>	<i>ēo</i>	<i>ēa</i>
<i>īdēm, ēādēm, īdēm</i>	<i>ībīdēm</i>	<i>īndīdēm</i>	<i>ēōdēm</i>	<i>ēādm</i>

Ao que se infere das descrições e análises a que tive acesso, por volta do século XIV (cf., por exemplo, MATTOS E SILVA, 1989, p. 232-239), a língua portuguesa oferecia a seguinte situação quanto aos demonstrativos e adverbiais espaciais:

- a) sistema tripartido de adverbiais exofóricos básicos, expressando a noção de **lugar onde**, como no latim, também correlacionável aos demonstrativos e, portanto, às três pessoas do discurso;

- b) ocorrência de três formas para o primeiro grau (primeira pessoa) e para o terceiro grau (terceira pessoa) de exófora, paradigmaticamente relacionáveis, enquanto o segundo grau (segunda pessoa) apresenta apenas uma forma;
- c) formas “analíticas”, ou seja, a forma básica precedida de preposições, para expressar as noções de **lugar de onde**, **por onde** e **para onde**.

Como tentativa de sistematização, abaixo explicito a relação desses adverbiais espaciais exofóricos com os demonstrativos em português, relacionando-os também ao étimo latino:

**Tabela 3: correlações entre demonstrativos e adverbiais espaciais exofóricos no português arcaico**

	DEMONSTRATIVOS	ADVERBIAIS	ÉTIMO
P1	este	aqui/acá/acó	hīc/hāc/hūc
P2	esse	i	ībī
P3	aquele	ali/alá/aló	īllīc/īllāc/īllūc

Do ponto de vista semântico, o português, portanto, manteve a tripartição do campo exofórico, e, no período arcaico, contou com duas formas de anafóricos espaciais (*i*, para o lugar **onde** e *en~ende* para o lugar **de onde**, com alguma ampliação de seus sentidos). Por volta do século XVI, reduziu drasticamente o número de formas simples, de 21 formas latinas para 8, visto que tornou preferencialmente analítica a expressão do **lugar de onde**, **por onde** e **para onde**, não apresentava mais a forma *en~ende* e apresentava usos específicos para o *i*, já em concorrência com a forma *ai*. Outras formas, não tratadas neste trabalho, passaram também a preencher os usos anafóricos, incluindo as próprias formas de demonstrativos. Esclareço que admito ser esse um raciocínio temerário e certamente simplista, dado não termos elementos para discernir se as três formas de adverbiais referentes, respectivamente, a *este* e *aquele* guardavam entre si qualquer distinção semântica, morfossintática ou discursiva, ou se representavam apenas variantes. Há também a forma *acolá* (um quarto grau de exófora?), não registrada em Mattos e Silva, 1989, nem encontrada no texto da LRR, mas referida como existente desde o séc. XIII por A. G. Cunha (1998), referido por Houaiss (2001).

No século XVI, julgo, portanto, que o subsistema exofórico se estruturava em cinco graus (*aqui e cá; i~ai; ali; lá; acolá*), embora correlacionadas a apenas três pessoas, visto que a P3 correspondem três graus. Apresentava, ainda, como já dito, formas “analíticas”, ou seja, a forma básica precedida de preposições, para expressar as noções de **lugar de onde**, **para onde** e **por onde**, havendo alguma alternância ou sobreposição de formas na distribuição por esses cinco graus. O anafórico *i* se alterou, a partir do século XVI, para *ai* e o anafórico *ende* desapareceu enquanto forma isolada, só se mantendo na forma *porende*, que veio a dar o contemporâneo *porém*.

Proponho assim, para o século XVI, a partir dos dados que analisei, a tabela a seguir, que, simplificada, permite visualizar o subsistema exofórico:

**Tabela 4: subsistema de advérbias exofóricas portuguesas no século XVI**

GRAUS		ADVERBIAIS ESPACIAIS EXOFÓRICOS			
		onde	de onde	para onde	por onde
P1	1º grau	aqui / cá	daqui / de cá	até aqui / pera cá	por aqui / por cá
P2	2º grau	i / aí	dhy / desi / daí	-	per hy
P3	3º grau	ali	dali	te li / pera ali	por ali
	4º grau	lá	de lá	até la / pera la	-
	5º grau	acolá	-	-	-

Antes de apresentar os resultados de que disponho para os advérbias de que aqui trato, é conveniente que explicito as categorias consideradas para a análise. As categorias semânticas são, sobretudo: *espaço* (*estrito e estendido*), *tempo* e *texto*. Para os tipos de referência, distingo emprego *exofórico* (referência extralinguística), de emprego *anafórico* e *catafórico* (referência de recuperação em porções textuais anteriores ou posteriores, aqui englobados pelo termo *anafórico*) e do que chamo, em falta de denominação melhor, de *intrafórico* (referência ao texto que está sendo escrito). Esclareço que o uso anafórico se apresenta com nuances semântico-referenciais interessantes que explicitarei quando necessário.

Assim, observando o valor semântico e o comportamento referencial dos elementos analisados, apresento algumas conclusões que a análise desses elementos me tem permitido, iniciando por quadros que registram:

- a) 1ª coluna: as formas simples e as locuções encontradas;
- b) 2ª coluna: o étimo;
- c) 3ª coluna: quantificação das formas encontradas; valor semântico (**E**, para **espaço**; **T**, para tempo e **TX**, para texto); tipo de referência (**EX1**, **EX2** e **EX3**, para, respectivamente, uso **exofórico** de P1, de P2 e de P3; **AN**, para uso **anafórico**; **IN**, para uso **intrafórico**); dados recolhidos dos Diálogos de São Gregório DSG, a partir de Mattos e Silva, 1989;
- d) 4ª coluna: o mesmo para dados da *Lenda do Rei Rodrigo* (LRR) – séc. XIV;
- e) 5ª coluna: o mesmo para dados da *Crônica de D. Pedro* (CDP) – séc. XV;
- f) 6ª coluna: o mesmo para dados dos nove textos do século XVI;
- g) 7ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas do Maranhão* (CARMA) – séc. XVII;
- h) 8ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas Setecentistas* (CARSET) – séc. XVIII;
- i) 9ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas dos Avós* (CARVÓS) – séc. XIX;
- j) 10ª coluna: o mesmo para dados das *Cartas de Leitores* (CARLEIT) – séc. XIX.

Embora registradas nas tabelas as locuções que ocorrem, os exemplos apresentados privilegiarão a forma simples.

## A forma *CÁ*

**Tabela 5: a forma *CÁ* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)**

ADVS	ÉTIMO	XIV <sub>1</sub>	XIV <sub>2</sub>	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX <sub>1</sub>	XIX <sub>2</sub>
CÁ	aca <lat. <i>ēccūm hāc</i>	acá-1 E EX 1	acó-3 E EX 1	1	20 E EX 1	41 E EX 1	1 E EX 1	5 E EX 1	3 E EX 1
ATÉ CÁ	até+cá	-	-	-	-	-	-	1 E-T EX 1	-
DE CÁ	de+ca	-	-	-	13 E EX 1	4 E EX 1	-	8 E EX 1	-
PARA CÁ	para+cá	-	-	-	2 E-T EX 1	4 E-T EX 1	1 T EX 1	-	2 T EX 1
POR CÁ	por+cá	-	-	-	1 E EX 1	3 E EX 1	-	-	-

A forma *ca* é proveniente da forma *acá*, advérbio do português arcaico, época em que compunha série com as formas *acó* e *aqui*, sem que tenha sido possível detectar se representavam quaisquer nuances significativas ou se funcionavam como variantes, embora possivelmente as formas *acó* e *acá* fossem mais utilizadas com sentido dinâmico, enquanto *aqui* cobrisse preferencialmente o sentido estático. Assim, nos DSG (MATTOS E SILVA, 1989, p. 232-233), a forma *acá* é registrada apenas uma vez, com sentido espacial exofórico dinâmico (em coocorrência com o verbo *dar*).

Na LRR não ocorre a forma *acá* e a forma *acó* é registrada três vezes:

- (01) - Pois, dom Juliam, que vos fez viir *acó* per tam forte tempo como este?... (LRR, p. 52, l.22-23)
- (02) Mas, quando me era mester de folgar por o grande trabalho que havia passado, houve-me de meter eno mar e viir *acó*. (LRR, p. 54, l. 79-81)
- (03) E pois, boa dona, que quisestes *acó*? (LRR, p.57, l. 20)

Na CDP *ca* ocorre apenas uma vez, com sentido impreciso, talvez expressando **lugar por onde**, aliás, seu valor etimológico.

- (04) ...começarom de correr huas *ca* e outras lá... (CDP, p. 269, l. 67 )

No séc. XVI, são 20 as ocorrências, que apresentam sentido espacial. Quanto à foricidade, é exclusivamente exofórico correspondente a P1.

- (05) ...estoutros nom digam quando *ca* vossa alteza mandar...(CPVC, p. 6, l. 30-1)
- (06) ...seja cõ condiçã que se posa *ca* mãdar a menuta d'elle... (CDJIII, p.22, l. 212-3)

Vista em diacronia, a forma, que recebera reforço em latim, sofreu gradativa redução fonológica na passagem para o português arcaico e, desse, para o português do século

XVI. Seu conteúdo etimológico de **lugar por onde** ainda é registrado no século XV (CDP), mas, no século XVI, expressa preferencialmente **lugar onde** e seu uso para a expressão da dinamicidade é reduzido, observando-se, contudo, que ainda expressa **lugar para onde**. Assim, vai ganhando sentido mais pontual, mais preciso, estático, aproximando-se do sentido da forma *aqui*. Não apenas em número de ocorrências o *cá* se apresenta em desvantagem: enquanto o *aqui* também cobre o uso intrafórico e o anafórico, o *cá* é exclusivamente exofórico. A coocorrência *aqui/cá* é viva até a atualidade, mas o *cá* se coloca em desvantagem face a *aqui* em todas as épocas, o que se pode explicar por seu uso mais restrito, enquanto forma simples, expressando espaço restrito e exofórico. Dos séculos XVI a XIX, apresenta também valor temporal, sobretudo na locução *para cá*:

- (07) E a Restituição poderaa ser haa que foy de dez anos *pera qua*. (CCDJ, p. 106, l. 30-1)
- (08) E, posto que esta vez se estimou este caso pela novidade, de então *para cá* é cousa tão ordinária nas aldeias que ... (CARMA, c. LXVI, l. 132-133)
- (09) alcançou licença delle *para* poder hir a essa Cidade atratar decurar huma formidavel erne *que* ainda hoje padesse e de antaõ *para cá* nunca mais poz os pes *naquella* Villa (CARSET, p. 168, l. 211-213)
- (10) Filiado ao extinto partido conservador desde os primeiros annos de minha vida publica, de 89 *para cá* alistei-me nas fileiras do partido federalista ao qual tenho servido, sempre, com dedicação e sacrificios. (CARLEIT-BA, c. 60, l. 3-5).

Quanto à atualidade, pelo menos no Brasil, *cá* é menos usado que *aqui* e parece ocorrer mais em expressões fixas (*venha cá; de lá para cá; de um tempo para cá*).

Curioso é o uso, documentado nas CARLEIT e reconhecível na atualidade, nas expressões ‘*cá entre nós*’ e ‘*eu cá*’, que considero um tipo de espaço subjetivo, um sentido espacial mais abstrato:

- (11) mas que por esse mesmo motivo deve ser considerado como possuidor das rendas necessarias, porque tudo quanto faz é *para empicuar*; mas vamos *cá entre nós* discutir: elle só em fallar, intrigar, e bater pernas; só em ser espião do serralho, não arranja 200\$000 o que achas?.. eu *cá* faço justiça ás mesas, muito embora ella seja composta de nossos adversarios. (CARLEIT-MG, c. 111, l. 17-23).

## A forma *AQUI*

**Tabela 6: A forma *AQUI* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)**

ADVS.	ÉTIMO	XIV <sub>1</sub>	XIV <sub>2</sub>	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX <sub>1</sub>	XIX <sub>2</sub>
AQUI	eccum hic	22 E EX1	9 E EX1	12 E-T IN	89 E-TX-AD IN	80 E-TX EX1-IN	9 E-TX EX1-AN-IN	23 E-TX EX1-IN	29 E-T-TX EX1-IN
ATÉ AQUI	até+aqui	1 T EX1	-	-	9 E-T IN-AN	9 E-T-TX EX 1-IN	7 T EX1	-	-
DAQUI	de+aqui	-	3 TX AN	1 E EX1	28 TX AN	13 E-TX EX1-AN	6 E-TX EX1-AN	4 E-TX EX1-AN	5 E-TX AN-IN-EX1
DAQUI POR/EM DIANTE	daqui+ por/em+ diante	-	-	-	-	2 E EX1	2 T EX1	-	-
DAQUI A...	daqui+ a+...	-	-	-	-	-	-	2 T EX1	-
DES AQUI	des+aqui	2 T EX1	-	-	-	-	-	-	-
POR AQUI	por+aqui	-	-	-	4 E EX 1	2 E-TX EX1-AN	-	-	-
POR AQUI ADIANTE	por+aqui+ adiante	-	-	-	1 TX AN	-	-	-	-

*Aqui* é forma frequente em português, atestada desde 1267, segundo Machado (1965, p. s.v.*aqui*). Semanticamente, apresenta a trajetória diacrônica **espaço estrito** > **tempo** > **espaço textual** e, no século XIX, há uma ocorrência em que expressa espaço subjetivo, na expressão ‘aqui entre nós’. Apresentarei também particularidades do seu uso no valor de espaço textual, que o diferenciam do *cá*.

Nos DSG (MATTOS E SILVA, 1989, p. 233-234) são 22 as ocorrências (retiradas dos dois primeiros livros dos *Diálogos*), incluídas as formas precedidas de preposição que, neste trabalho, se tratam em separado. Seu valor é espacial exofórico, referente a P1.

Na LRR, com 9 ocorrências, é também espacial exofórico referente a P1:

- (12) *Aqui* juro eu a Deus e sobre minha lei... (LRR, p.59, l. 21)  
 (13) ...ca *aqui* nom é algũo homem que nunca em esta terra fosse nem per ela nunca andasse.. (LRR, p. 68-9, l. 46-7)

Na CDP, com 12 ocorrências, é sempre espacial. Quanto à foricidade, é sobretudo intrafórico (6 ocorrências), seguido de exofórico de P1 (5 ocorrências), apresentando ainda uma ocorrência de uso anafórico.

- (14) E porque dos filhos que ouve, e de quem, e per que guisa, já compridamente avemos fallado, nom compre *aqui* rrazoar outra vez... (CDP, p.91, l. 5-8)  
 (15) ...todo o que eu disse e vos ora *aqui* foi lendo e declarando... (CDP, p.212, l. 75-6)



- (16) E *aqui* cessou entom de todo a guerra d' Aragon... (CDP, p.249, l. 58)

O *corpus* analisado para o século XVI apresenta um total de 89 ocorrências. É predominantemente espacial.

- (17) ...e nos outros que *aquy* na naao cõ ele himos asentados...(CPVC, f. 2v, l. 35-6)

- (18) ...numca *aqui* mais pareceram... (CPVC, f.8, l. 11 )

Quanto à foricidade, apresenta uso intrafórico predominante (45 ocorrências):

- (19) ...aqual bem çerto crea q̄ por afremosentar nem afeiar aja *aquy* de poer mais caaquilo que vy e me pareceo.(CPVC, f. 1, l. 9-11)

- (20) sem por isso, porẽ, deixardes de fazer nada do que vos *aquy* mando...(CDJIII, p.6, l. 291-2)

À predominância do uso intrafórico, segue-se o uso exofórico de P1 (25 ocorrências), como se pode ver dos exemplos (17) e (18). Mas ocorre também um uso exofórico, que refere espaço mais abstratizado:

- (21) ...a obrigação da qual me não deixara degenerar *d'aquy* donde descendo... (CDJIII, p.171, 29-30)

O uso anafórico apresenta 18 ocorrências, curiosas, porque, no *corpus* analisado, à anáfora são mais frequentemente reservadas as formas *ali* e *aí*.

Além da anáfora textual mais corrente, que retoma elemento linguisticamente expresso em porção anterior do texto, ocorre um tipo de anáfora que considero mais abstrata. No caso exemplificado abaixo, o *aqui* se emprega para retomar, não um elemento linguístico, mas todo o raciocínio ou a porção da narrativa antes expressa. A esse tipo chamo “anáfora de ponto do raciocínio/narrativa”:

- (22) ...se a prática das cousas onde estes defeitos aparêçem (como em tóque), é ante pessoas que conhêçem os quilátes de cada um, *aqui* está o trabalho de ôs encobrir... (DVV, p. 422, ls. 9-11).

- (23) ...e com tudo tambe padeçe a grãmatica *aqui* suas eyceições como nas outras partes... (GFO, p.60, l. 12-4).

- (24) Ruy Soarez como ya róta abatida com o recádo q̄ leuáua, fez seu caminho entregando a capitania da náa a Jorge Botelho de Pombal q̄ leuáua no seu navio, e assy lhe deu piloto: mas ajnda a fortuna della nam acabou *aquy*, mas em hua angra onde se meteo junto de Páte... (DA II, p. 40, ls. 6-10).

Além dos usos já referidos, no século XVI, ocorre um conjunto de 5 formas *aqui*, que considero como ocorrência única, por configurarem correlação aditiva:

- (25) *Aqui* juramentos fálso, *aqui* traições, *aqui* mortes de hómens, *aqui* más sentenças, *aqui* empréstemos, fianças, abonações... (DVV, p.449, l. 4-7)

No século XVII, a forma ocorre com o sentido espacial exofórico de P1:

- (26) ... tomámos este porto, assim pelo mal acreditado que está de doentio, como pela dilação forçosa que *aqui* se havia de fazer, tão contrária a nossos intentos e aos desejos com que íamos de chegar ao nosso desejado Maranhão; (CARMA, c. LVII, l. 10-12)



Ocorre também referindo espaço textual, com valor anafórico, em que identifico a anáfora de “ponto da narrativa”:

- (27) achámos o governador ocupado com o regimento que já se estava copiando. *Aqui*, esperando o termo, lhe pedi que antes de se copiar o queria ver (CARMA, c. LXV, l. 124-125)

E também sentido textual intrafórico:

- (28) Ah! Amigo, quem pudera trasladar-vos *aqui* o coração, para que lêsseis nele as mais puras e as mais importantes verdades, não só escritas ou impressas, senão gravadas! (CARMA, c. LXI, l. 39-40)

No século XVIII, também os mesmos usos se identificam: exofórico espacial de P1; anafórico de “ponto da narrativa”; intrafórico.

- (29) E como não mostrou o ser Marchante em parte alguma, selhemandou *que* talhasse *aqui* ogado, amil reis, *que* hé *aqui* ataxa da Camara, etalhou comefeito as *ditas* Rezes. (CARSET, p. 58, l. 16-18)
- (30) dizendo *que* avia fazer Certo o Seo dito deperder aoEscrivam em fazer *que* Vossa Excelencia o botasse fora daComarca, e ainda *aqui* não parou o excesso devingança do Juis (CARSET, p. 148, l. 16-18)
- (31) accudindo=se tam bem *aqui* nesta forma anececidade publica. (CARSET, p. 58, l. 28)

Também ocorre com sentido exofórico temporal:

- (32) se tem feito no Termo desta Villa a Plantação do Linho Canhamo, e té *aqui* Com fundadas esperanÇas de que seja Vtil (CARSET, p. 93, l. 3-4)

No século XIX, ainda os mesmos usos: exofórico espacial de P1; anafórico de ponto do raciocínio; intrafórico; exofórico temporal:

- (33) Li com muita satisfação a tua cartinha, sem data, que chegou *aqui* antehotem (CARVÓS, p. 127, c. 6, l. 1-2)
- (34) 2.<sup>a</sup> porque os Imperantes assim como não tem cá na terra para dar aos homens hum premio equivalente ao Ceo, ou á bemaventurança, assim podem a certos respeitos modificar o castigo comparado ao do Inferno, onde Deos precipitou aquelles, que se tinham conjurado. Com tudo, não se entenda *daqui*, ou não pertendão os máos, que he a quem convém a errada consequencia do principio estebelecido... (CARLEIT-BA, c. 5, l. 10-15)
- (35) Não posso *aqui* deixar de alludir á essa mais que nescia arguição, que certa gente se compraz de fazer á Inglaterra,... (CARLEIT-BA, c. 23, l. 29-30)
- (36) *Daqui* a um anno has de estar ... (CARVÓS, p. 117, . 1, l. 25-26)

Do conjunto observado, avultam, ao lado da estabilidade formal, sentidos variados que podemos assim tentar descrever: do seu uso em latim, manteve o sentido preferencial espacial, estático, e a expressão da exófora de P1, embora no *corpus* ocorra bastante como intrafórico, expressando, assim, a referência ao texto ou ao trecho do texto que se escreve no momento. Trata-se, portanto, de exófora (a referência está estribada no momento espaço-temporal do falante), embora *texto* seja referência espacial mais abstrata que a referência ao espaço extralinguístico. Registrei 18 ocorrências em que a referência, anafórica, vincula a forma *aqui* a elementos mais abstratos que o texto escrito, qual sejam, ao ponto do raciocínio que se desenvolve ou ao ponto da narrativa em que se chegou, uso em que concorre com sua locução *daqui*.

É, portanto, mais rico em nuances semânticas que o seu aparente concorrente *cá*.

## A forma *I*

**Tabela 7: A forma *I* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)**

ADVS.	ÉTIMO	XIV <sub>1</sub>	XIV <sub>2</sub>	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX <sub>1</sub>	XIX <sub>2</sub>
I	ibī	127 TX AN	21 TX AN	39 E-TX AN-EX2	57 TX AN-EX2	-	-	-	-
DHI	de+hi	-	-	10 T-TX AN	9 E-T AN	-	-	-	-
DESI	des+i	1 E/T	11 E AN	18 E AN	4 TX AN-IN	-	-	-	-
PER HY	per+hy	3	-	-	3 E AN	-	-	-	-

O étimo da forma portuguesa *i* (~*hi*~*hy*~*y*), amplamente documentado em português, desde 1272 (HOUAISS, 2001, s.v. *ai*), é um advérbio espacial anafórico, o latim *ibi*. Como tal, não era vinculado à categoria de pessoa e expressava o **lugar onde**. O *i* no português arcaico apresenta usos anafóricos de nuances variadas, alguns dos quais desapareceram, enquanto outros se mantinham ou se incrementavam, e vieram a ser assumidos pela forma reforçada *ai*, de futuro proficuo na língua portuguesa. A forma *i* só é registrada até o séc. XVI, bem como as suas locuções. Nos DSG (MATTOS E SILVA, 1989, p. 236-237), as variantes *hi* e *i* perfazem um total de 127 ocorrências, com valor espacial anafórico (foram analisadas 20% das ocorrências).

Na LRR, com 20 ocorrências, em 19 a forma *i* apresenta valor de espaço estrito, anafórico:

- (37) ...ca muitos grandes fidalgos e ricos homees que se acontecerom de serem *i* quando ele morreu... (LRR, p. 31, l. 13-4).

Em uma ocorrência, parece, à leitura atual, ambíguo entre espacial exofórico de P2, elemento causal-consecutivo ou elemento vazio de conteúdo semântico:

- (38) E, senhor, todo meu conselho é que nom faças *i* nada e que leixes esto em Deus... (LRR, p. 60, ls. 53-54).

Observo também que 10 das ocorrências estão acompanhadas do verbo *haver*.

Na CDP, em que ocorre 39 vezes, é, em geral, de sentido espacial, referindo **lugar para onde**. Em relação à foricidade, é primordialmente anafórico, com 1 ocorrência apenas de uso exofórico de P2 e 1 de uso catafórico.

Relativamente ao uso exofórico de P2, menciono o ponto de vista de Teyssier (1981, p. 24), de que o *i* não ocorre como exofórico na CDP. É que, enquanto ele registra a segunda ocorrência de *i* no exemplo a seguir (a primeira é de uso anafórico espacial), como exemplo de *locution figée* em uso anafórico, eu a interpreto como exemplo da forma simples, em uso exofórico de segunda pessoa. Observe-se o exemplo, aliás, bastante ilustrativo, por reproduzir suposta fala, ou seja, por representar o discurso direto:

- (39) E el-rrei mandou-o deitar na rrua per hũa janella da casa honde pousava, e disse aos bizcainhos que estavom hi muitos: “Vedes *hi* o vosso senhor de Bizcaia que vos demandava por seus!” (CDP, p. 183, ls. 61-64).<sup>2</sup>

No século XVI, com um total de 57 ocorrências, apresenta sempre valor semântico espacial. Quanto à foricidade, é exofórico de segunda pessoa em 6 ocorrências:

- (40) E Corvarão, o embaixador do emperador, me parece que sera muy bõõ ficar *hy*, Requeredo despois de vos virdes. (CDJIII, c. 13, l. 148-9)

Tem-se, então, um total de 51 ocorrências com sentido anafórico variado, na maioria dos casos muito obscuro para a leitura atual, que tento explicitar a seguir.

Há casos claros de sentido espacial estrito, em que o elemento retomado tem referente extralinguístico (14 ocorrências), como nos exemplos:

- (40) ...e acenauam peraa trra como que os avia *hy*. (CPVC, fl. 3, ls. 10-11).  
(41) ...porque soube daquelles captiuos *q̄* na outra jlha que *hy* estáua perto a que chamáuã Tider podia fazer outra tal presa... (DA I, p. 33, ls. 32-34).

Há casos de referência espacial mais abstrata, textual (6 ocorrências):

- (42) E quanto à primeira, que é dor, [h]á *i* ua vergonha que tem respeito ao tempo passado... (DVV, p. 416, ls. 4-5).  
(43) Onde [h]á sapiência, [h]á *i* virtude, [h]á *i* constância e fortaleza. (DVV, p. 456, l. 8).

Em outros, o elemento anaforizado é o ponto do raciocínio em que se encontra o autor (4 ocorrências), como no exemplo:

- (44) E este perdám conseguira Judas <Mat. XXVII> se, quando disse: Pequei em trair o sangue do justo<sup>2</sup>, esperára na sua misericórdia, porque, sem ésta esperança, pouco aproveitam lágrimas, vergonha e dor. Outra vergonha [h]á *i* que corresponde à torvaçám e tempo presente... (DVV, p. 416, ls. 14-18).

Além desses, há dois outros usos do anafórico *i* difíceis de identificar quanto ao conteúdo semântico:

- a) o *i* retoma anaforicamente elemento de sentença anterior que pode ser interpretado como a causa da declaração da sentença em que o *i* se insere ou o explicitador da sua consequência (causal-consecutivo), em 4 ocorrências, como no exemplo:

- (45) ...e suas vergonhas tam nuas e com tamta jnoçemçia descubertas que nõ avia *hy* nehũa vergonha. (CPVC, fl. 7, ls. 11-13).

- b) o *i* retoma anaforicamente elemento de sentença anterior, considerado como conjunto, do qual foi retirado o elemento que é objeto de declaração da sentença em que o *i* se insere. A esse uso chamo **partitivo**, acompanhando, por exemplo, Tavares (2000, p. 211), visto tratar-se de elemento que “mantém uma relação de inclusão – de subconjunto – com referentes mencionados anteriormente”:

<sup>2</sup> A esse respeito, remeto o leitor a Costa (2002-2003).

- (46) Dêsta régra açima em que disse os nomes terem dous números, singular e plurár, se tiram os nomes irreguláres: porque [h]á *i* uns que tem sòmente singular e nam plurár...(GJB, p. 309, ls. 16-18).
- (47) Ua cousa notei, que todalas repóstas com que exemplificou às que eu pôsso dára quem me requerer injustos requerimentos, todas sam de Gregos e Romanos. Nam [h]á *i* alguas doutras nações... (DVV, p. 462, ls. 5-7).

Esse uso é o primeiro em número de ocorrências (23 em 51). Ao leitor atual, pelo menos, o *i* parece “sobrar”, representa um vazio semântico. Em todos os casos, esse uso partitivo está em coocorrência com o verbo *haver*, em sentido existencial. Precisaria o verbo *haver* existencial ser acompanhado por elemento com traço semântico espacial, que se foi tornando paulatinamente desnecessário? Em outras palavras, o verbo existencial por excelência, no século XVI, era o verbo *haver i*? (Na GJB, também ocorre *i haver*). Não se pode deixar de fazer paralelo, como faz Teyssier (1981, p. 16), com o verbo existencial francês *y avoir*, de mesma estrutura formal e mesmo étimo.

- c) o *i* retoma anaforicamente elemento constituinte da mesma sentença em que se insere, soando, se não vazio, com certeza redundante, ponto interessante para o acompanhamento do progressivo esvaziamento semântico da forma:

- (48) Neste nosso .a. b. c. ha *hi* trita e tres letras... (GFO, p. 20, l. 7).
- (49) ...porque, dos irreguláres, [h]á *i* tanto número, que seria, como diz o provérbio, maior o cabelo que a cápa... (GJB, p. 345, ls. 3-5)

## A forma *AÍ*

**Tabela 8: A forma *AÍ* e suas locuções: étimo, quantificação de ocorrências, valores semânticos e de foricidade (séc. XIV a XIX)**

ADVS.	ÉTIMO	XIV <sub>1</sub>	XIV <sub>2</sub>	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX <sub>1</sub>	XIX <sub>2</sub>
Aí	a + i	-	-	-	23 E-T-TX AN-EX2	4 E AN	-	9 E-TX EX2	12 TX-E-T AN-EX2
ATÉ AÍ	até + aí	-	-	-	-	-	-	-	1 T AN
Daí	de + aí	-	-	-	8 TX AN	6 E AN	-	3 E EX2	7 E-T-TX AN
Daí por diante	daí + por + diante	-	-	-	-	4 T AN	-	-	-
POR AÍ	por + aí	-	-	-	-	-	-	-	4 E EX

A forma *aí* só começa a ocorrer no século XVI, em variação, para alguns usos, com a forma *i*. Àquela época, a forma *aí* apresentava valor semântico de espaço estrito, como no exemplo:

- (50) ...tirareis loguo os despachos, e fareys toda a deligemçia na pobricaçom e execuçom d’elles, asy *ahy* como ã todos os luguares que compryr. (CCDJ, c.6, l. 235-7)

Apresentava também sentido temporal (apenas 1 ocorrência):

- (51) E q̄ quãdo os mouros ós viessem cometer, entam *ahy* lhe ficáua fazer cada hũ seu officio de caualleiro... (DA-I, p.27, l. 1-2)

Quanto à foricidade, é exofórico de P2, como no exemplo (50), e anafórico de variados níveis. É no uso anafórico que apresenta variação com a forma *i*.

Ocorre, assim, como anafórico espacial em sentido estrito:

- (52) A esposa vendo q̄ por causa sua se ya oferecer á mórte, tornou com elle: mostrãdo onde elle porella morresse *ahy* queria sua mórte. (DA-II, p.14, l. 28-30)

Como anafórico que retoma porção do texto:

- (53) ...o qual infinitiuo ou acaba em ar. como amar. ou em .er. como fazer. ou em .ir. como dormir. mas cõ tudo tambe *ahi* tem suas eiçeições... (GFO, p. 72, ls.4-6).

Como anafórico que retoma o ponto do raciocínio do autor (3 ocorrências):

- (54) ...e onde [h]á maiór ázo de pecár, *ai* se louva a austinência do pecádo. (DVV,p. 418, ls. 20-21).

Mas, na expressão da anáfora partitiva, a forma *i* é praticamente exclusiva (processo final de gramaticalização?).

Há, ainda, duas ocorrências de *ai* no século XVI, de difícil leitura. No primeiro (ex. 55), deve-se ler *há ai*, *há i* ou *ai* ?:

- (55) E os vassallos a mesma estima tem, senam quanto agora *ahii* menos pera os homes os poderem aveer. (CCDJ, c. 86, ls. 233-234).

Quanto ao segundo, deve-se ler *há ai*, *hay* (por *há*) ou *há y* ?:

- (56) Tudo ysto vejo sem oculos; e dando ordees a seu irmão de que agora nõ *hay* necessidade, mostrava nõ lhe teer aquella vôtade que me disestes. (CCDJ, c. 84, ls. 17-19)

No século XVII, o *ai* apresenta uso anafórico espacial e temporal (este, em locuções):

- (57) e desenterrarem-lhe da sepultura uma caveira, e levarem-na mui vitoriosos, e porem-na na praça de sua aldeia, e *ai*, quebrando-a com a mesma festa e fereza tomarem nome nela. (CARMA, c. LXVI, p. 87, l. 23-24)
- (58) porque houve um religioso que quis dar a sua para os pobres, e ele dormir, *dai por diante*, numa tábua. (CARMA, c. LXVI, p. 96, l. 17-18)

O adverbial *dai* apresenta também um uso inovador, em que atua como um juntivo do tipo que Tavares (2003, p. 42) denomina “sequenciador retroativo-propulsor”, visto que é “responsável pelo estabelecimento de uma relação coesiva entre um enunciado precedente e um posterior, gerando a expectativa de que algo novo será introduzido no discurso, em continuidade e consonância com o já dado”:

- (59) resolvemos a encomendar o negócio a Deus, e não resolver nada nele, até chegar e ver, e *dai* (se for conveniente) ir adiante um de nós a desfazer estes enganos, (CARMA, c. LXV, p. 78, l. 29-30)

O *corpus* do século XVIII não oferece ocorrências de *ai*, nem de suas locuções. Para o século XIX, temos ocorrências de *ai* de variados tipos:

- a) Com valor espacial exofórico de segunda pessoa:
- (60) mas o que não temos é a neve e o frio excessivo, que **ahi** faraõ quando chegar esta carta (CARVÓS, c. 15, p. 159, l. 11-13).
- b) Com valor temporal:
- (61) Ao mesmo tempo fizéram-se inauditos esforços, para levar a frota do mar Negro a um gráo de efficacia até *ahi* desconhecido na Russia. (CARLEIT-BA, c. 23, p. 20, l. 51-21, l. 1)
- (62) Foi isto no dia 15 de junho. *D'ahi* até o dia 24 o *Senhor* secretario não dá copia de si. (CARLEIT-BA, c. 73, p. 58, l. 8-9)
- c) Com valor de espaço textual, a rigor, catafórico:
- (63) *Ahi* vão as novidades, que voces viraõ achar em setembro (CARVÓS, p. 191, c. 23, l. 8-10)
- (64) Eis *ahi* a carta que elle dirigio ao Arcebispo de Paris: «Paris, 14 de Outubro de 1897.» (CARLEIT-MG, c. 124, p. 23, l. 34-35)
- d) Com valor de espaço textual, um anafórico que retoma porção textual anterior:
- (65) Feita a exposição dos factos como *ahi* fica e não convido mais aos filhos d'esta terra que este municipio seja fonte de receita para este ou aquelle, (CARLEIT-BA, c. 60, p. 51, l. 13-14)
- e) Com valor causal-consecutivo:
- (66) a *confiança illimitada*, que sempre inspirou a meu venerando pae, e *d'ahi* a *repugnancia* de que outrem liquidasse as suas contas. (CARLEIT-BA, c. 43, p. 34, l. 20-22)
- f) Com valor de exófora indeterminada. Trata-se de expressão feita, e indica um espaço espreado, que não corresponde ao do falante, podendo corresponder a exófora de P2 ou de P3.
- (67) Eu vi os liberaes andarem *por ahi* como d'antes. (CARLEIT-MG, c. 86, p. 4, l. 11-12)

Dos dados aqui expostos, pode-se verificar, portanto, como elementos adverbiais de base exofórica percorreram trajetórias de abstratização espacial, assumindo referências desde a mais concreta (espaço restrito) a concepções espaciais mais abstratas, como a exófora indeterminada, o espaço subjetivo e as várias nuances do espaço textual (retomada de elemento anterior que designa espaço estrito; retomada de porção anterior do texto; retomada do ponto de raciocínio ou da narrativa que o autor desenvolve; retomada de parte de conjunto antes referido; antecipação de parte posterior do texto ou do raciocínio desenvolvido), além de noções afeitas a estruturas de junção ou de coordenação, como correlações aditivas, sequenciadores retroativo-propulsores e elementos que expressam causa-consequência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, S. B. B. Espacialização de base dêitica: advérbios portugueses no século XVI. *Revista Estudos: Linguísticos e Literários*, Salvador: PPGLL/ UFBA, n. 29-30, p. 163-176, 2002-2003.

\_\_\_\_\_. *Advérbios espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização*. 2003. Tese (Doutoramento em Letras) – UFBA, Salvador. Disponível em: <www.prohpor.ufba.br>. Acesso em: jul. 2011.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FARIA, E. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, J.P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1965.

MATTOS e SILVA, R.V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN – CM, 1989.

TAVARES, M. A. Um percurso de abstração gradual: então nos séculos XIV, XVI, XVIII e XX. In: BECKER, M.; GREIVE, A.; SOARES, M. E. (Orgs.). *O português no Brasil: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. v. 1. Köln: Zentrum Portugiesischsprachige Welt / Universität zu Köln, 2000. 107 p.

\_\_\_\_\_. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutoramento em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TEYSSIER, Paul. Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV, XV et XVI siècles. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, Paris, Séminaire d'études médiévales hispaniques de l'Université de Paris – XIII, n. 6, p. 5-39, mar. 1981.

## BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA RELATIVA AO CORPUS

AZEVEDO, João Lúcio de. (Ed.). *Cartas do Padre António Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971.

BAIÃO, A. (Ed.). *Ásia: primeira década*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1932. p. 1-36. Edição crítica.

\_\_\_\_\_. (Ed.). *Ásia: segunda década*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1932. p.1-47. Edição crítica, completada por Luís F. Lindley Cintra [1974].

BARBOSA, A.; LOPES, C.R. dos S. (Orgs.). *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ).



BUESCU, M. L. C. (Ed.). *Gramática da língua portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*, de João de Barros. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971. 482 p. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações.

CINTRA, L.F.L. (Ed.). *A lenda do Rei Rodrigo*. Lisboa: Editorial Verbo, 1964.

FORD, J. D. M. (Ed.). *Letters of John III, King of Portugal: 1521-1557*. Cambridge: Harvard University Press, 1931. p. xi-47.

\_\_\_\_\_; MOFFAT, L. G. (Eds.). *Letters of the court of John III, king of Portugal*. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

LOBO, Tânia (Org.) *Cartas baianas setecentistas*. São Paulo: Humanitas, 2001.

LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A norma brasileira em constituição: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ, 2005.

MACCHI, G. (Ed.). *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes. Roma: Edizione dell'Ateneo, 1966. p. 87-282. Ed. crítica con introduzione e glossario.

PEREIRA, S.B. *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1964.

TORRES, Amadeu; ASSUNÇÃO, Carlos (Eds.). *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*, de Fernão de Oliveira. Lisboa: Academia de Ciência de Lisboa, 2000. p. 163-237 [1-76]. Edição semidiplomática.